



## MASCATE

### Binômio da Casta Lima

Os fazendeiros dos primórdios de Jataí e principalmente antes de existir a cidade, aqui estavam com a finalidade de criar bois. Viviam dentro do sistema de subsistência. Sistema este, que se produzia tudo do que se usava, mas só e tão- somente o necessário. Só se comprava sal, utensílios de ferro e cobre. As lojas não existiam e nem havia razão de existir.

Alguns fazendeiros tinham um boteco na fazenda. Quando os boiadeiros vinham em abril e aqui permaneciam até outubro; os cargueiros vinham carregados de mercadorias, para abastecer o boteco do fazendeiro, onde ficavam hospedados.

Tinham como especiarias: agulhas, pentes, fósforos, ponches, cavus, capas, chapéus e mais o boteco continha coisas produzidas na própria fazenda que se vendia aos peões em troca de dias de serviço, como fumo, toucinho, café, pinga, açúcar etc.

No fim do século passado começaram aparecer os

mascates. Libaneses que aqui aportaram, com o tino comercial que Alá lhes deu. Iniciaram a oferecer suas bugigangas nas fazendas. Inicialmente em cargueiros de burros. As quinquilharias despertavam curiosidade e interesse no pessoal das fazendas. O “turco” facilitava toda proposta e vendia.

Mais tarde já iam às fazendas, de carro- de-boi, com as canastras recheadas de mercadorias.

Havia um fazendeiro, Vilela de Torres do Rio Bonito (Caiapônia), que arrastava as asas por uma cativa liberta.

Para ser um dos seus agregados, tinha antes de tudo, fazer vistas grossas quanto aos carinhos que usava dispensar às mulheres destes.

Gostava de promover festas em sua fazenda. Com tocador de sanfona, empregado da fazenda, para evitar no dia da festa, não encontrar um bom. Na aprazada festa, uns jagunços bravos.por perto, para evitar a incompreensão de algum marido ciumento. Sempre em um quarto recebendo as visitas, onde era terminantemente proibida a entrada de maridos.

As escravas da fazenda do Chapadão do Bonfim eram famosas como mulheres altas e esbeltas, por descenderem da nega mina. Local onde ele mandava vários portadores convidá-las, para sua festa. No dia desta, toda turma que chegava era recebida com uma salva de tiros e ele dava uma ordem a seus jagunços: “Se for nega do buracão, dá uma salva só, agora se for nega do chapadão descarrega o trinta”.

Os mascates eram também informados do dia da festa e lá estavam eles vendendo toda a sua mercadoria aos maridos solitários, enquanto o fazendeiro se esbaldava com seu harém, mas em compensação, abonava os maridos.

Durante muito tempo foi o paraíso dos mascates.

Os fazendeiros dos primórdios de Jataí e principalmente antes de existir a cidade, aqui estavam com a finalidade de criar bois. Viviam dentro do sistema de subsistência. Sistema este, que se produzia tudo do que se usava, mas só e tão- somente o necessário. Só se comprava sal, utensílios de ferro e cobre. As lojas não existiam e nem havia razão de existir.

Alguns fazendeiros tinham um boteco na fazenda. Quando os boiadeiros vinham em abril e aqui permaneciam até outubro; os cargueiros vinham carregados de mercadorias, para abastecer o boteco do fazendeiro, onde ficavam hospedados.

Tinham como especiarias: agulhas, pentes, fósforos, ponches, cavus, capas, chapéus e mais o boteco continha coisas produzidas na própria fazenda que se vendia aos peões em troca de dias de serviço, como fumo, toucinho, café, pinga, açúcar etc.

No fim do século passado começaram aparecer os mascates. Libaneses que aqui aportaram, com o tino comercial que Alá lhes deu. Iniciaram a oferecer suas bugigangas nas fazendas. Inicialmente em cargueiros de burros. As quinquilharias

despertavam curiosidade e interesse no pessoal das fazendas. O “turco” facilitava toda proposta e vendia.

Mais tarde já iam às fazendas, de carro- de-boi, com as canastras recheadas de mercadorias.

Havia um fazendeiro, Vilela de Torres do Rio Bonito (Caiapônia), que arrastava as asas por uma cativa liberta.

Para ser um dos seus agregados, tinha antes de tudo, fazer vistas grossas quanto aos carinhos que usava dispensar às mulheres destes.

Gostava de promover festas em sua fazenda. Com tocador de sanfona, empregado da fazenda, para evitar no dia da festa, não encontrar um bom. Na aprazada festa, uns jagunços bravos por perto, para evitar a incompreensão de algum marido ciumento. Sempre em um quarto recebendo as visitas, onde era terminantemente proibida a entrada de maridos.

As escravas da fazenda do Chapadão do Bonfim eram famosas como mulheres altas e esbeltas, por descenderem da nega mina. Local onde ele mandava vários portadores convidá-las, para sua festa. No dia desta, toda turma que chegava era recebida com uma salva de tiros e ele dava uma ordem a seus jagunços: “Se for nega do buracão, dá uma salva só, agora se for nega do chapadão descarrega o trinta”.

Os mascates eram também informados do dia da festa e lá estavam eles vendendo toda a sua mercadoria aos maridos solitários, enquanto o fazendeiro se esbaldava com seu harém, mas em compensação, abonava os maridos.

Durante muito tempo foi o paraíso dos mascates.